

1 mar. – 30 abr.  
9h00 – 20h00

U.



NUNO PORTAS E ORIOL BOHIGAS. ENCONTRO DE ARQUITETOS PORTUGUESES E ESPANHÓIS, ESPANHA, 1970  
AUTORIA: COLITA | ARQUIVO NACIONAL DA CATALUNHA / FUNDO COLITA / UC51

# Projeto, Teoria e Crítica em 20 Arquitetos Ibéricos 1950-1989

exposição

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

## **Projeto, Teoria e Crítica em 20 Arquitetos Ibéricos 1950-1989**

**Uma perspectiva de conjunto da produção de vinte arquitetos que partilham o mesmo tempo histórico e similar espaço geográfico e cultural é a proposta que aqui se apresenta.**

**Tem na sua base um trabalho de investigação, cuja primeira fase, de levantamento sistemático de textos, conferências, projetos e obras, foi resumida em quadros-síntese. Para cada autor, ou dupla de autores, expõe-se o labor arquitetónico a par das suas inquietações intelectuais. A organização da informação em friso cronológico e a constelação em que se inserem os nomes selecionados pretendem fomentar leituras cruzadas entre debates e autores, numa ótica abrangente e multifocal, sem descurar a centralidade do problema da habitação.**

A relação entre a teoria e a prática da arquitetura não é direta nem fácil de traçar, pois cada uma opera no seu campo próprio, com uma lógica e uma coerência específicas. Mas esses campos não são estáveis, têm fronteiras que frequentemente se tocam e, inclusivamente, se interseccionam. Abordar estas interferências é uma tarefa que tem vindo a ganhar relevo, embora de forma paulatina, pois tanto o meio académico como o meio editorial tendem a manter os dois campos separados.

No caso da arquitetura portuguesa, essa separação é ainda mais acentuada. E, não obstante, os arquitetos nascidos nas décadas de 1920 e 1930 tiveram uma visão holística da sua atividade profissional, que abarcou o projeto e a crítica da arquitetura, a investigação histórica e teórica, a ação cívica e o ativismo político. A contribuição desta geração (ou gerações, segundo as diferentes interpretações do termo) para a transformação da arquitetura portuguesa, e o seu reconhecimento internacional, é uma questão sobre a qual existe grande unanimidade. No entanto, não é invulgar que a sua obra se considere como o resultado de uma prática essencialmente empírica e intuitiva, alheia a qualquer esforço de sistematização ou teorização. Ideia reforçada pelo facto de, nessa obra, a produção escrita ter permanecido muito tempo num plano secundário, quando comparada com a produção arquitetónica.

Um dos objetivos de colocar a par os escritos e os projetos, desenhados e construídos, é contrariar esta separação, todavia predominante, e fomentar a leitura cruzada entre

ambos. Um estudo que pretenda explorar as relações entre a teoria, a crítica, a história e a prática —a que Pedro Vieira de Almeida se referia como *relações fortes* pela evidente intersecção dos seus campos de interesse — deve começar por um levantamento sistemático de textos que permita retirar esse *corpus* da “condição invisível” à qual foi submetido, por esquecimento ou falta de interesse.

O que foi dito sobre a geração portuguesa dos anos 1920 e 1930 pode aplicar-se à sua homóloga espanhola. Embora os contactos entre arquitetos ibéricos sempre tenham ocorrido de forma natural, estas foram as primeiras gerações a estabelecer fortes laços. Para tal contribuiu a organização dos Pequenos Congressos, os encontros que nos anos 1960 reuniram arquitetos de Madrid e de Barcelona e que acabaram por incluir profissionais de toda a Península Ibérica. O interesse partilhado por novas correntes de pensamento ocidental, a desconfiança em relação à herança do Estilo Internacional, e a resistência à ditadura explicam a aproximação, mas o que uniu de facto ambas gerações foi o compromisso com a dimensão cultural, ética e política da profissão.

O alargamento do campo de estudo à Península Ibérica segue a convicção de alguns especialistas sobre a semelhança dos processos de receção e assimilação da arquitetura moderna, e da sua revisão crítica, ocorridos em Portugal e em Espanha após a Segunda Guerra Mundial. É certo que esse alargamento comporta também riscos, como o de não atender a especificidades estruturais, algo que podemos aceitar em prol da

leitura panorâmica e da comparação, métodos corretivos do excesso de proximidade e do ensimesmamento. Reunir um número suficientemente amplo de arquitetos ibéricos —vinte nomes de envergadura— permite oferecer um cenário comparativo sem criar a ilusão de se estar perante um grupo fechado ou uma unidade coerente.

Os quadros apresentam, em formato desdobrável ou *leporello*, uma síntese da produção de cada arquiteto, mais exaustiva, em alguns casos, necessariamente seletiva, em outros. Nem sempre a relação entre escritos e projetos é equilibrada. Os quadros propõem uma leitura paralela, guiada por coordenadas temporais e temáticas, que convida à reflexão. Entre outras questões, o que esta geração nos convida a pensar é no exercício do projeto como atividade cultural que não pode ser isolada de outro tipo de inquietações, de ordem intelectual, ética ou moral.

— Tiago Lopes Dias

**18 quadros-síntese  
dos arquitetos:**

José Antonio Corrales  
Ramón Vázquez Molezún  
Nuno Teotónio Pereira  
Fernando Távora  
Federico Correa  
Oriol Bohigas  
Luis Peña Ganchegui  
Antonio Fernández Alba  
Raúl Hestnes Ferreira  
Pedro Vieira de Almeida  
Álvaro Siza  
Nuno Portas  
Manuel Gallego  
Juan Daniel Fullaondo  
Rafael Moneo  
Manuel Solà-Morales  
Ricardo Bofill  
Juan Navarro Baldeweg  
Lluís Clotet  
Oscar Tusquets

**Ficha técnica****Projeto de Investigação:**

CIND/03011/2017/  
CP1407/CT0002

**Financiamento:**

FCT

**Instituição Proponente:**

CEAU-FAUP  
Grupo de Investigação:  
Atlas da Casa

**Investigador:**

Tiago Lopes Dias

**Conceção e Design:**

Marta Ramos  
e Pedro Mota

ORGANIZAÇÃO: